

UNIVERSIDADE E SOCIEDADE: apontamentos para debate

*José Maria de Paiva**

1) A primeira coisa que gostaria de pôr em comum é a relação “orgânica” entre universidade e sociedade. Que quero dizer com isto? Quero dizer que a universidade surge como expressão de solução de necessidades da sociedade. Usei a expressão “orgânica”, quase que para explicitar a função de órgão que a universidade desempenharia em relação à sociedade. Antes de mais nada, devo chamar a atenção para a qualidade abstrata de sociedade: o que existe concretamente são os homens, em processo permanente de relacionamento. Ora, em toda relação há um como quê de “desequilíbrio”, predominando sobre o outro. Por isto, falar de necessidades da sociedade requer desdobramento histórico, indicando que grupos sociais prevaleciam socialmente, construindo daí as instituições segundo seus interesses.

2) Em segundo lugar, quero explicitar o meu entendimento sobre “interesses”. O interesse está relacionado à sobrevivência, ao poder sobreviver. O homem vive, parafraseando Aristóteles, de muitas formas. Herman Hesse dizia que temos muitas almas. O viver, o sobreviver, o continuar podendo viver, isto se realiza sob muitos aspectos. Certamente, o comer é dos elementos mais básicos. E, neste sentido, eu poderia afirmar que o “econômico” como que determina (a palavra é perigosa!),

* Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba

conforma, os procedimentos do homem, tanto individualmente quanto socialmente. É difícil fazer história, porque na construção da interpretação, temos que enfatizar um ou outro aspecto em detrimento de muitos outros. Quando, pois, digo que os interesses moldam os comportamentos sociais, afirmo, primeiramente, que são os interesses mais fortes e, segundo, que eles estão a indicar as possibilidades (concretas) do sobreviver (concreto).

3) A universidade é tida como o centro da produção do conhecimento. Há que se pensar primeiramente no sentido dessa afirmação. Que conhecimento é produzido? Que conhecimento é, assim, tão cultivado? A resposta me parece evidente: **aquele conhecimento que sustenta e projeta a configuração das relações sociais vigentes**. Eu queria me deter, um momento, no significado (não abstrato mas concreto) do conhecimento. Conhecer é entrar-em-contato-com. Trata-se de uma necessidade vital: todo ser entra em contato com o ser vizinho e, em função disto, se adapta, se modifica, se constrói. Se não fizer isto, morre. Conhecer se identifica, pois, com ser, não no conceito mas de fato. O homem construiu para si mil formas de viver e, por isto, o conhecimento, ainda que fundamentalmente seja sempre um entrar-em-contato-com, pode ser descrito e analisado sob mil ângulos.

4) Uma das formas do conhecimento mais valorizadas na cultura ocidental é a ciência. Debaixo dessa valorização está o interesse dos grupos dominantes em manter a configuração das relações sociais e está, evidentemente, a visão de mundo que não é apenas nem sobretudo retrospectiva, mas prospectiva. O que nós chamamos de “consenso” não pertence estritamente à esfera ideológica: o “consenso” se concretiza nas formas mais triviais do viver cotidiano. É a manutenção desse estado

de coisas que interessa a quem dá direção à sociedade e, por certo, a ciência é um dos poderosos instrumentos para a afirmação do “consenso”.

5) Aqui entra o papel da universidade. Pensá-la primeiramente como o lugar da ciência, o lugar de produção do conhecimento, é como que por-se em um mundo “acabado”. Não temos que venerar a ciência nem os cientistas! Temos que ter uma atitude de historiador: isto que está-aí foi historicamente produzido. A universidade foi produzida. E o que ela produz, ela o produz em função das forças que a produziram e a mantêm. Mudando-se as forças, muda-se também o perfil da universidade. Eu daria um exemplo “esquelético” mas clareará meu pensamento: a universidade medieval tinha como ciência mestra a teologia. Naquele tempo a cimentação social estava codificada num texto e contexto religioso: não é que não houvesse trabalho, guerra, comércio, etc. É que o consenso social se explicava num código religioso. A teologia tinha, em consequência, um status distinguido de ciência. O contraponto é a universidade de hoje. Não tenho a pretensão de fazer a história da universidade aqui. Mas quero chamar a atenção para a diferença entre a universidade dos anos 30, época de sua fundação no Brasil, e a universidade dos nossos dias. Muitos lamentam a perda do “espírito” humanista daquela universidade, sem pensar que o “humanismo” que a caracterizou era o humanismo necessário para a manutenção dos padrões sociais do momento. A sociedade agrária construiu uma cultura que não se interrompe pelo mero surgimento da industrialização. Hoje, não só porque já se completa um século de lenta transformação provocada pela industrialização, mas, sobretudo, porque a sociedade global repercute direta e violentamente em todos os setores da vida social, estamos questionando a universidade, estamos questionando todas as instituições sociais. Evidentemente que o “espírito” da universidade

mudou! A ciência busca tecnologia cada vez mais eficiente, em todos os campos da vida humana, porque a tecnologia, ou seja, a construção de novos “instrumentos” de vida, estampa escancaradamente o campo do poder, o campo da dominação, o campo de luta para a manutenção ou transformação da configuração das relações sociais. Não se trata, pois, a meu ver, de abolir a ciência ou a tecnologia, mas de reconhecer sua “consistência”, seu papel social, e de organizar sua produção e distribuição.

6) Podemos fazer a história da universidade sob vários ângulos. O que aparece à primeira vista é o conhecimento, a ciência. Aqui, há que se investigar epistemologicamente o que é ciência, distinguindo-a de outros tipos de conhecimento. Acontece que, segundo me consta, o positivismo científico, construído no século XIX, reina, quase que sem objeção, na maioria das universidades. Ora, o presente século abalou os fundamentos positivistas da ciência, levando os próprios cientistas a fazer filosofia. Mas o ensino das ciências não questiona, às mais das vezes, a compreensão e a extensão deste termo. A própria forma de transmissão curricular é testemunha disto. Bem se diz que é uma “grade”. Suposto um ensino “fundamental” bem feito, eu formularia um currículo concentrado na área de especialização que se busca, numa perspectiva transdisciplinar, revigorando aquilo que hoje se chama de curso extra-curricular. Vejo, pois, duas questões básicas no tocante ao ensino: primeiro, a que se refere à própria noção epistemológica da ciência; segundo, a concretização do ensino nos cursos oferecidos. Verificar na história como isto tem se dado é descobrir, a cada fase, a identidade da universidade e, portanto, buscar as explicações do porquê dessa identidade.

7) O segundo ângulo é o da pesquisa. Evidentemente, o que se disse sobre epistemologia cabe, por inteiro, aqui. Mas eu queria assinalar **uns pontos de atrito**. O primeiro é que a universidade, como tal, não é mais a referência necessária para o desenvolvimento da pesquisa científico-tecnológica. Com ela concorrem as grandes indústrias. A pergunta que fica é: qual o papel da pesquisa na universidade? Um **segundo ponto de atrito** é a relação universidade/empresa, muito ligado ao primeiro. Se voltamos aos postulados formulados no início, temos que achar natural a relação universidade/empresa: afinal, toda ciência visa à tecnologia que visa à produção de bens. Esta relação, para mim, é ponderada pelo grau de independência científica das empresas. A universidade teria, para além do pretendido pela empresa, um papel de projeção da ciência “pura”, aplicável a muitos outros interesses. Esta afirmação ilustra o papel social da universidade: a universidade está estruturada para atender a sociedade como um todo (e volto ao que afirmei logo no item 1) e não especificamente a **uma** empresa.

8) O terceiro ângulo é o da extensão. Acompanhar o desenvolvimento da extensão na universidade brasileira é, claramente, acompanhar a marcha de busca de identidade; melhor ainda, de mudança de identidade, segundo as necessidades sentidas. Eu não quero compreender a necessidade do famoso tripé universitário: ensino, pesquisa e extensão, por mais que o tenham consagrado até na Constituição de 88. Para mim, à universidade cabem o ensino e a pesquisa. A extensão é o pé manco do tripé, porque foi inventada para suprir, enganosamente, falhas do projeto social. A extensão se põe como um lugar que, por existir, denota o estranhamento que a instituição tem de si mesma. Por razões só perceptíveis à luz da história, a universidade se sentiu obrigada a dar satisfação (para além daquela que lhe competia dar, por ser instituição

social) aos grupos sociais que dela não faziam parte, aos grupos a que ela não servia. Isto significa uma pressão social, levando a universidade a um rearranjo interno que garantisse a manutenção de suas finalidades “sociais”. Na verdade, toda a produção da sociedade, em princípio, visa à comunicação, à divulgação, ao uso público. Isto é próprio de qualquer instituição social em abstrato. Como as instituições não são abstratas mas históricas, obedecendo portanto aos interesses das forças que dão rumo ao conjunto social, tal princípio não se realiza, fechando-se em favor dessas forças. A extensão apareceu como um instrumento de satisfação: pode até ter sido ou ser benéfico em casos pontuais, mas não passa de uma estratégia. Que me perdoem os pró-reitores de extensão!

9) O que está acontecendo hoje com a universidade? Há vários temas em pauta, destacando-se a qualidade do ensino, a avaliação, a autonomia universitária e outros mais que, por certo, serão objeto de debate nosso. Não pretendo questioná-los, porque o questionamento fundamental está fora dos muros da universidade. Temos que questionar a sociedade, nesse processo acelerado de transformação, a que denominamos com facilidade de “globalização”, “neo-liberalismo”, “pós-modernismo”, etc. Temos que aprofundar, sim, não os conceitos como tais mas, muito mais, os conteúdos que eles querem explicitar e os conteúdos que eles ocultam. Eu penso que a universidade não tem, de forma alguma, um caminho independente: ela segue as pegadas das forças maiores. A história é assim. Mas saber reconhecer a história é a primeira condição para nela se posicionar e para tentar modificá-la.